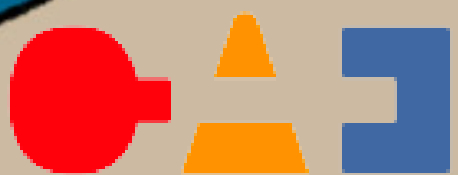


Sentidos sobre a deficiência

Vivian Ferreira Dias
Fonoaudióloga da CAE

Ilustração colorida de várias mãos sobrepostas – em formato circular. Aparece parte dos braços das pessoas – que têm diferentes tonalidades de cor de pele. Ao fundo, espiral em tons de azul. No canto inferior esquerdo, logo da CAE. E no canto inferior direito está o logo da UFSC.



1) Ainda bem que sempre existiram as cotas nas universidades para os deficientes entrarem.

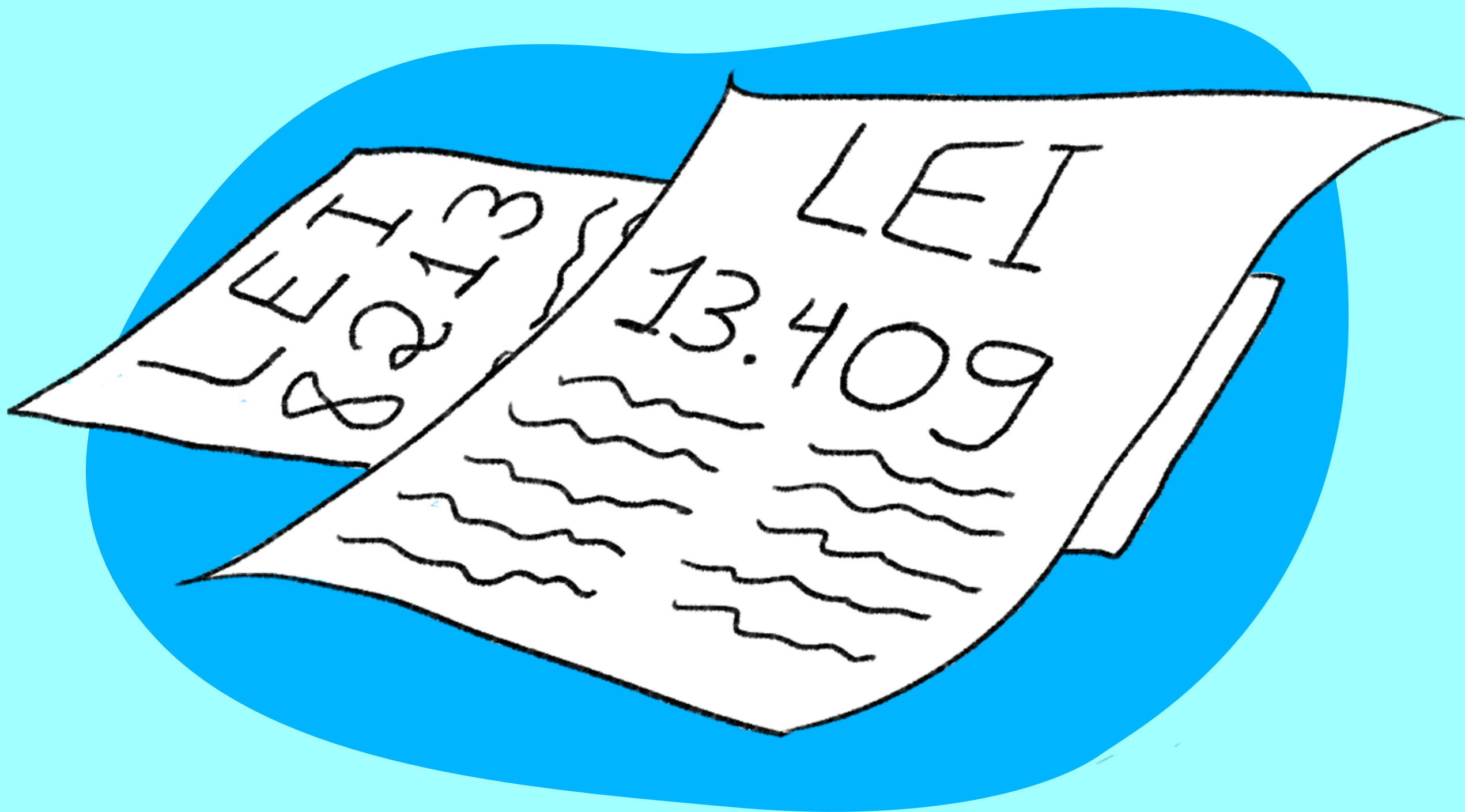


Ilustração colorida de duas folhas de papel na cor branca e que estão parcialmente sobrepostas sobre fundo azul. Em uma das folhas está escrito: Lei 8213 e na outra está grafado: 13.409.

Na verdade, nem sempre existiram cotas nas Universidades, aliás, essa iniciativa é bem recente. Na década de 90, foi aprovada a chamada Lei de cotas (Lei 8213 de 1991) – a qual regulamenta que empresas com 100 trabalhadores ou mais devem destinar de 2 a 5% de seus quadros a trabalhadores reabilitados ou com deficiência – ou seja, é um dispositivo legal voltado ao trabalho.

Em relação à educação, apenas em 2016 foi aprovada a Lei 13.409 que institui cotas para pessoas com deficiência em Universidades Federais – tal lei altera a legislação sobre cotas no ensino superior federal, que já contemplava estudantes vindos de escolas públicas, de baixa renda, negros, pardos e indígenas.

Em suma, nem sempre existiram cotas e até pouco tempo todas as pessoas com deficiência ingressavam

na classificação geral. Portanto, não é só por meio das cotas que as pessoas com deficiência ingressam. Mas, sem dúvidas, é um importante dispositivo para garantir equidade e diminuir os processos de exclusão. Ademais, as cotas se voltam aos sujeitos que realizaram o percurso escolar em escola pública, portanto, ainda há muitos estudantes com deficiência que ingressam pela ampla concorrência.

Por fim, o termo correto é pessoa com deficiência. A palavra “pessoa” vem primeiro – porque é o que todos nós somos, independente das diferenças e particularidades – depois vem a palavra deficiência – que é uma característica da pessoa. Esse termo faz parte do texto da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotado pela ONU (Organização das Nações Unidas), em 13/12/2006. E o mais importante, foi definido a partir dos movimentos mundiais das pessoas com deficiência, incluindo os do Brasil.

2) Tem uma estudante cega no centro onde estudo. Fico pensando em como os professores vão passar tudo para o Braille.

É importante salientar de antemão que nem todo cego usa Braille. Geralmente o sistema é mais utilizado pelos cegos congênitos em período de alfabetização. Pessoas que adquiriram a cegueira nem sempre se adaptam ao método Braille. Além disso, com a utilização de tecnologias assistivas (como softwares leitores que transformam as palavras que estão na tela do computador em sons), o Braille tem sido cada vez menos usado, especialmente pelas pessoas jovens.

Portanto, de modo geral, o professor não precisa passar tudo para o Braille. Basta que os materiais estejam em PDF acessível ou word que o software consegue fazer a leitura.

Inclusive, as imagens não precisam ser retiradas da aula – basta que elas sejam descritas e que se evite o uso de termos como “aquele”, “esse” – porque não fazem sentido para uma pessoa que não enxerga.



Ilustração colorida de uma moça de perfil sobre fundo azul. Ela aparece da altura do tronco para cima, tem pele clara e cabelos ruivos. Ela veste blusa cor de vinho, usa óculos escuros e segura celular com a mão direita – conectado a fones de ouvido.

3) Entrou um rapaz cego na turma do meu amigo. Esse rapaz usa cão guia. Coisa boa, ele pode andar sozinho para onde quiser.

O cão-guia é um cachorro treinado em centros especializados para auxiliar na locomoção da pessoa cega. Geralmente os cães que melhor se adaptam a essa função são das raças Labrador e Golden Retriever. É importante ressaltar que o animal desvia de obstáculos, mas segue os comandos do dono. É preciso, portanto, que a pessoa cega conheça o caminho e saiba as direções e sentidos referentes ao local para onde quer ir. Por isso, uma pessoa cega, mesmo com o cão guia, pode pedir sua ajuda para locomoção.

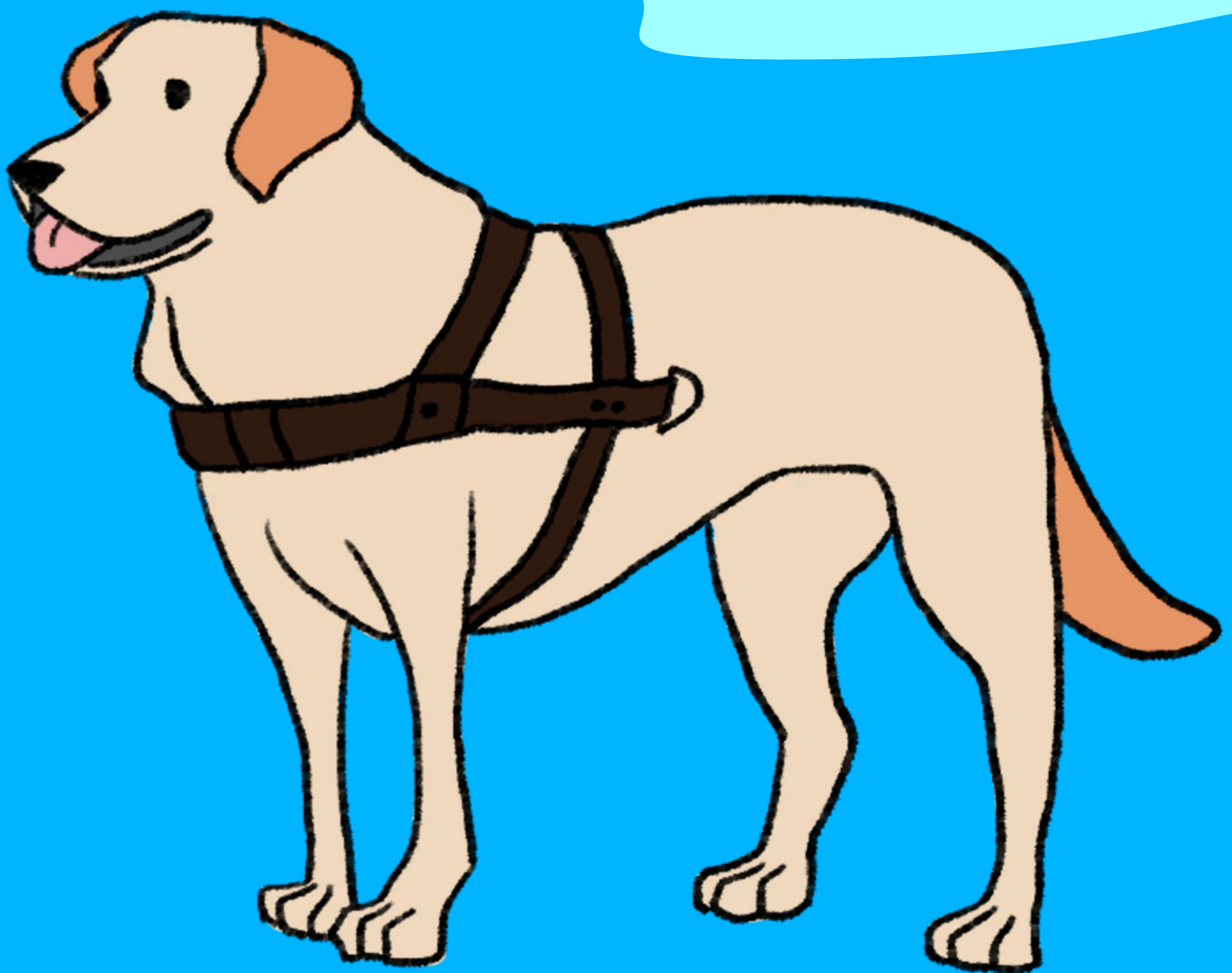


Ilustração colorida de um cão sobre fundo azul. O animal usa guia, tem porte médio e pelagem clara – em tom bege.

4) Uma moça surda estuda no meu centro. Tem uma outra moça que fica sempre ao lado dela, acho que para ajudar. Imagino que a moça surda tenha muita dificuldade para aprender por conta da surdez.



Ilustração colorida sobre fundo azul de duas moças lado a lado, da altura da cintura para cima. A moça da esquerda é negra e tem cabelos longos, usa camiseta verde e macacão azul. A moça da direita é branca, tem cabelos acinzentados e usa blusa azul.

O fato de uma pessoa ter deficiência não é sinônimo de apresentar dificuldades para aprender. A pessoa pode vivenciar barreiras por falta de acessibilidade – e é nesse sentido que entram os apoios – para eliminar as barreiras. Inclusive, a pessoa surda, que é o exemplo aqui mencionado, pode usar outra língua (a língua de sinais) e precisa ter seu direito linguístico garantido. Ela também pode ser oralizada, ou seja, falar e fazer leitura labial. Como a leitura labial depende muito da visão, fica difícil para a pessoa se dividir entre a tarefa

de anotar e olhar para o professor, por exemplo, e é nesse sentido que o estudante pode necessitar de um transcritor em sala de aula. Por esses motivos é que pode ter um profissional que apoia o estudante com deficiência em sala de aula, mas não necessariamente ocorrerão dificuldades. Essas podem ocorrer tanto quanto surgem com quaisquer estudantes. O que não pode acontecer é o estudante com deficiência não acessar o conteúdo ou não aprender por falta de apoios – que não são privilégios, mas ações de equidade.

5) Meu chefe disse que entrará um servidor com autismo no meu setor. Não vou nem falar com ele. Melhor deixá-lo em seu mundo.



Ilustração colorida sobre fundo azul de um rapaz. Ele tem pele parda e cabelos pretos. Aparece da altura do peito para cima, usa camisa branca e sorri.

A nomenclatura mais atual é Transtorno do Espectro Autista – que abrange múltiplas funcionalidades e necessidades de suporte. A pessoa com TEA tem um padrão de neurodesenvolvimento atípico e em decorrência disso tem impactos na linguagem, no

comportamento e na interação e de modo frequente apresenta uma reação diferenciada aos estímulos (aumentada ou diminuída) – por exemplo: um som fraco pode ser sentido como ensurdecedor, assim como um estímulo visual muito intenso pode não trazer qualquer desconforto. O repertório social pode ser restrito,

mas não significa que a pessoa com TEA viva em outro mundo ou não queira qualquer contato com as pessoas. Você pode se aproximar. Use fala clara, direta e objetiva. Conheça as características do seu colega com TEA, porque, embora existam características comuns, cada sujeito tem suas particularidades.

6) Uma garota que tem paralisia cerebral acabou de entrar no meu setor. Ela tem muita dificuldade para falar. Vou repassar a ela apenas os afazeres escritos.

Obviamente que não devemos oferecer um material impresso em tinta para uma pessoa cega ler – ou seja, não podemos ignorar sua funcionalidade, mas precisamos acolher diferentes formas de produção e, inclusive, admitir que um diagnóstico não define o sujeito. A pessoa pode ter paralisia cerebral, e se assim desejar, desempenhar atividades que envolvam a fala – inclusive, a pessoa com paralisia cerebral pode ter a oralidade bastante compreensível. Imagina deixar de falar com uma pessoa com paralisia cerebral e só passar bilhetes escritos? Ou mesmo predefinir aquilo que ela consegue ou não fazer sem ao menos consultá-la? Mas, caso ela tenha uma fala com distorções, não é indicado que ela apenas desenvolva tarefas escritas. Devemos, na verdade, fazer o exercício de compreender e indicar caso não tenha ficado claro. Isso é importante inclusive para a pessoa perceber que aquilo que falou não foi passível de compreensão e tentar articular de outra forma. Algo que não se deve fazer é “fingir” que está entendendo ou completar a fala da pessoa.

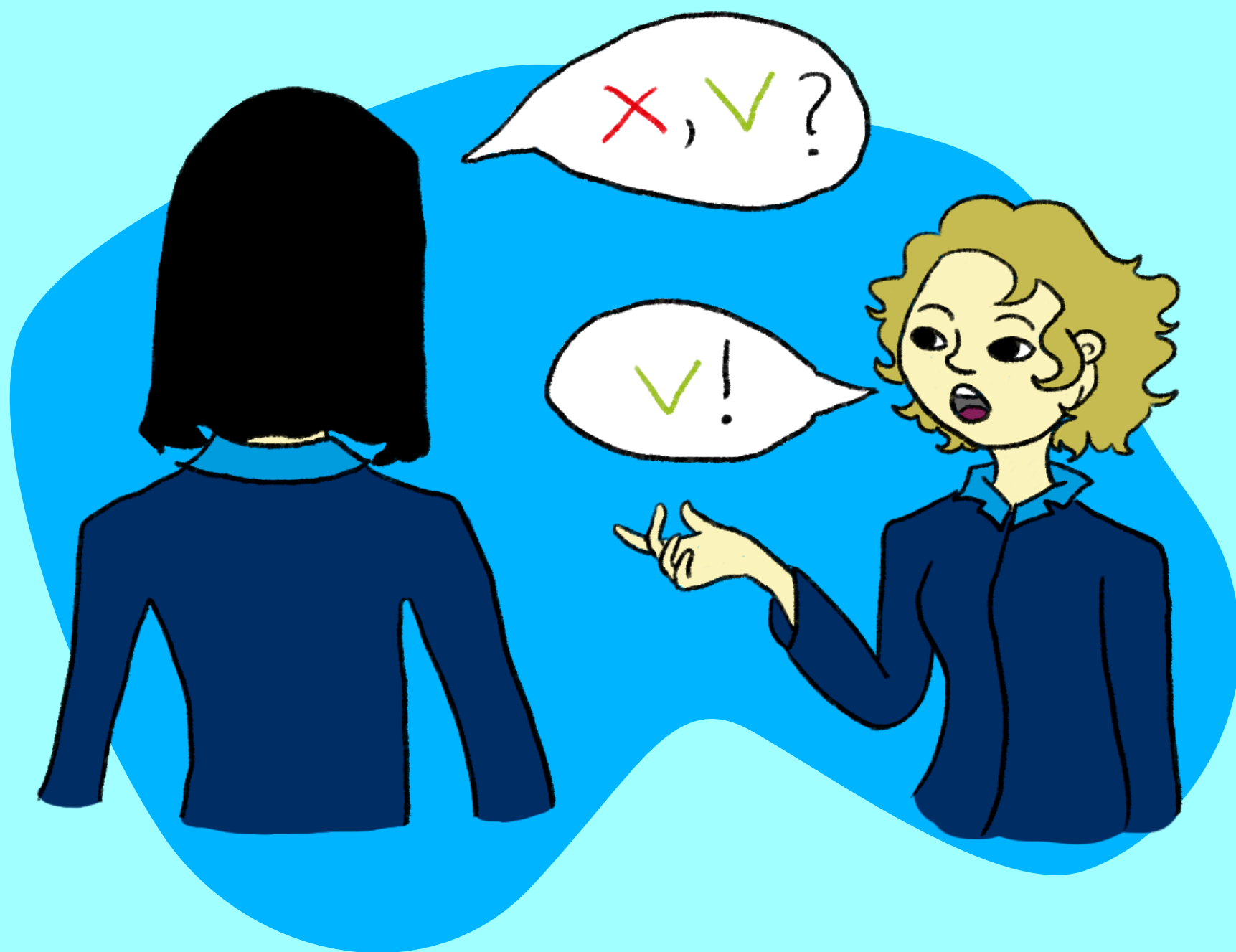


Ilustração colorida sobre fundo azul de duas moças conversando. Ambas usam blusa azul escuro e aparecem da cintura para cima. A jovem da esquerda está de costas e tem cabelos pretos e lisos. A moça da direita tem cabelos loiros, curtos e ondulados, está de frente para a imagem e gesticula a mão direita. Um balão de diálogo parte da boca da moça que está de costas e tem as seguintes informações: X,V? E da outra moça parte um balão de diálogo com o seguinte conteúdo: V!

7) É impossível para uma pessoa surda e cega cursar o ensino superior. Se ela não enxerga, nem escuta, não há como aprender.

O termo correto é surdocegueira (uma palavra única) porque não se tratam da soma das duas deficiências, cegueira e surdez. Configura-se como uma deficiência única, com características particulares: quando há um substancial comprometimento das duas vias (visual e auditiva), podendo ocorrer resíduos em uma ou ambas. Ela pode ser congênita ou adquirida, pré ou pós linguística (ou seja, antes da aquisição da fala ou depois). Há diversas formas de a pessoa ter acesso ao conhecimento e se expressar, portanto, se o sujeito tem o suporte devido, ele é plenamente capaz de aprender.

Dentre os suportes à pessoa surdocega, destacamos:



Ilustração colorida sobre fundo azul de duas pessoas de perfil – uma de frente para outra. Do lado esquerdo, está uma moça, na altura da cintura. Ela tem pele branca, cabelos azuis e usa camiseta rosa. A jovem está tocando a palma da mão de um rapaz que está à direita. Ele está com os olhos fechados, tem cabelos cacheados, pele negra e usa camisa roxa.

- **Libras Tátil:** É a Libras realizada na palma das mãos de pessoas surdocegas, por meio de um profissional identificado como guia-intérprete. Por meio do tato, a pessoa surdocega interpreta os sinais.
- **Guia-Intérprete:** é o profissional que trabalha com o surdocego utilizando diversas formas de comunicação. Além da interpretação, inclui a descrição do ambiente e funções de guia. Ou seja, além de dominar a Libras-tátil e outros métodos de comunicação, auxilia o deslocamento da pessoa surdocega.
- **Método Tadoma:** A pessoa com surdocegueira, ao colocar a mão sobre a boca e o pescoço da pessoa que fala, pode sentir os movimentos articulatórios e a vibração da voz e entender o que está sendo dito.

- **Braille:** O sistema de leitura e escrita para cegos, conhecido como Braille, surgiu a partir de um sistema de leitura no escuro desenvolvido por Charles Barbier, para uso militar. Quando o francês Louis Braille, que era cego, conheceu o sistema, passou a utilizá-lo e logo depois o modificou, passando de um grupo de 12 pontos para um grupo de apenas 6 pontos, formado por duas colunas com três pontos cada. A combinação dos pontos, em alto relevo, possibilita a constituição de 64 símbolos diferentes que servem para representar caracteres na literatura, na matemática, na informática e na música. O sistema foi inventado em 1825 e até hoje é utilizado em todo o mundo.
- **Linha Braille:** A Linha Braille, ou Display Braille, é um hardware que exibe dinamicamente em Braille a informação da tela. Pode-se definir Display Braille como um dispositivo de saída tátil para visualização das letras no sistema Braille. É bastante utilizada por pessoas cegas e surdocegas.
- **Sistema Malossi:** Método de comunicação que consiste na marcação das letras do alfabeto e dos algarismos de 0 a 9 nas falanges dos dedos e na palma de uma das mãos da pessoa surdocega – e assim a mensagem é repassada.

8) Minha turma de amigos vai fazer uma trilha. Mas nem convidei um novo colega que é cadeirante porque o acesso ao local é muito complicado.

Primeiramente, é sempre bom perguntar à pessoa com deficiência se aquele é um local que ela consegue frequentar – porque há trilhas acessíveis. Ninguém, melhor do que ela para falar sobre as barreiras que vivencia. Aliás, isso vale para qualquer tipo de deficiência: a pessoa que tem a deficiência deve ser sempre consultada e ela melhor do que ninguém pode dizer quais são suas demandas e adaptações necessárias. Porém, no caso específico, considerando que a trilha pode realmente não ter acesso para cadeira de rodas, vale repensar o passeio e quem sabe escolher um destino mais democrático e que acolha diferentes corporeidades.

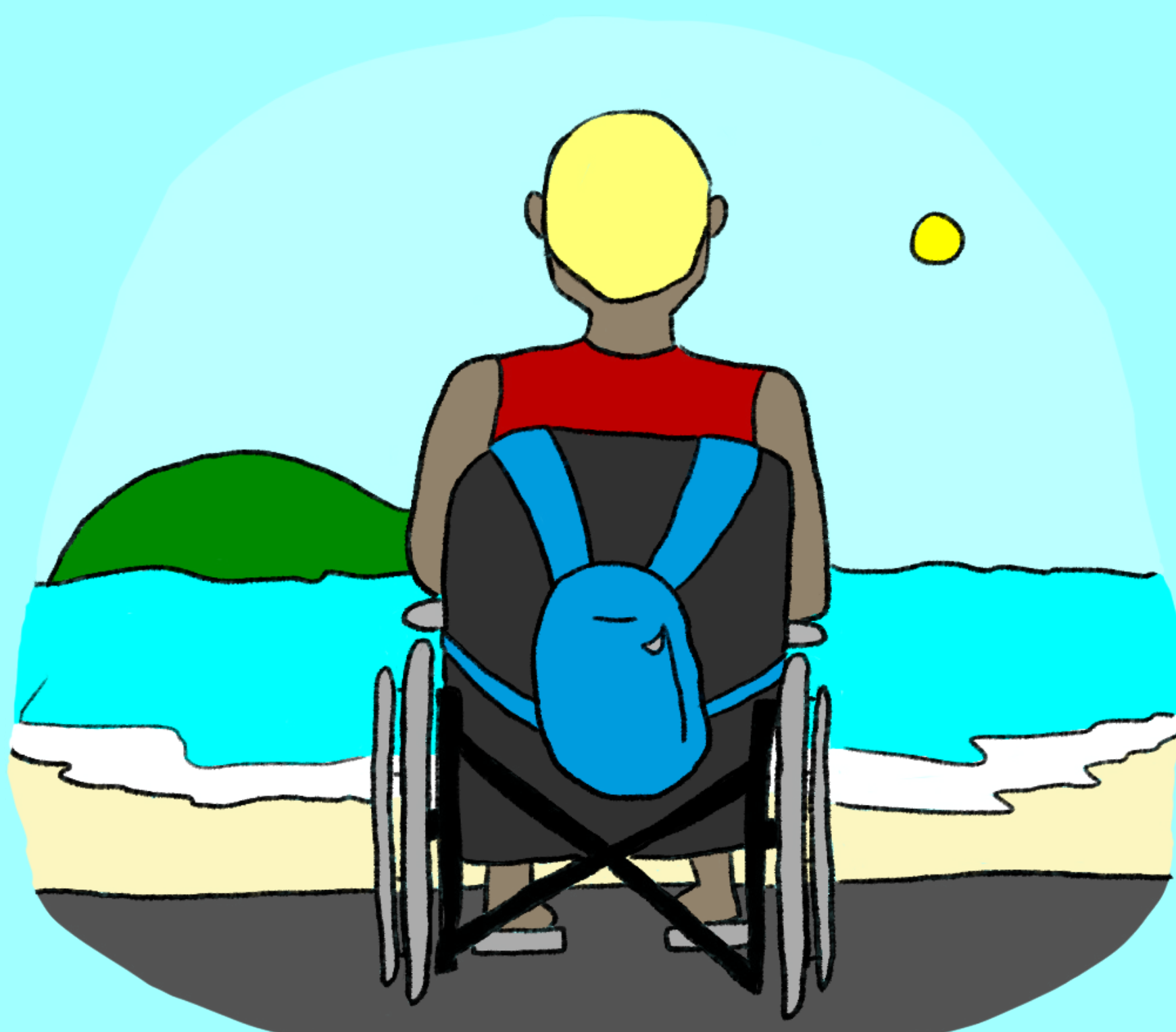


Ilustração colorida sobre fundo azul. Um homem em cadeira de rodas está no centro da imagem e aparece de costas. Ele tem cabelos loiros, pele escura, calça chinelos e usa regata vermelha. Uma mochila azul está presa ao encosto da cadeira. O rapaz está diante de uma praia. Ao fundo tem uma montanha, céu azul e o sol aparece no canto superior direito.

9) Bem complicado ser cego, não dá para usar o facebook. E whatsapp só na mensagem de VOZ.

É essencial ressaltar que a pressuposição de que ter uma deficiência é muito complicado soa bastante arrogante e coloca a ausência da deficiência como um lugar sem impasses – o que sabemos que não é verdade. Ou mesmo ranquear as deficiências: “eu iria preferir ser surdo que ser cego” é um discurso inadequado. Pessoas podem ter vidas complicadas ou não independentemente de seus corpos. As barreiras, definitivamente,

estão sobretudo no contexto – e são elas que vão trazer mais ou menos dificuldades. Quanto ao uso de redes sociais (instagram, facebook), as pessoas cegas podem usá-las – já que o software leitor vai transformar o texto em sinal de fala, mas é importante que todos se habituem a descrever as fotos e imagens porque essas ficam inacessíveis – o software não consegue ler. Em relação ao whatsapp, a pessoa cega também tem acesso às mensagens escritas pelo mesmo software mencionado.



Ilustração colorida de uma moça, da cintura para cima, sobre fundo azul. Ela usa blusa marrom, fones vermelhos e tem os cabelos roxos. Ela segura o celular com a mão esquerda e está com os olhos fechados.

10) Vou tentar horário especial no trabalho. Tenho 7 graus de miopia, ou seja, tenho uma deficiência visual considerável.



Ilustração colorida de um jovem, da cintura para cima, sobre fundo azul. Ele usa blazer roxo sobre fundo cinza e óculos escuros.

A análise da deficiência visual sempre levará em conta a visão corrigida. Assim sendo, a pessoa que apresenta melhora expressiva da visão com o uso de óculos, ainda que não atinja 100%, não tem baixa visão. Não se está desconsiderando as dificuldades para enxergar (ocorridas nos casos de miopia, astigmatismo, dentre outros), mas,

desde que se tenha uma visão razoável, normalmente superior a 30/40%, com a melhor correção (óculos, lente, lupas e quaisquer recursos ópticos disponíveis com o maior poder de ampliação), não se trata de pessoa com deficiência visual. Ainda que hoje as porcentagens não sejam mais usadas para definir se uma pessoa tem deficiência visual, a dificuldade em enxergar, ainda que com recursos, deverá ter um impacto significativo na vida da pessoa. Portanto, ter sete graus de miopia não é sinônimo de deficiência. Precisa-se verificar se a pessoa apresenta impacto significativo – mesmo com a visão corrigida.

11) Conheço um rapaz surdo que não usa aparelho. Será que ele já tentou adquiri-lo para passar a ouvir normalmente?

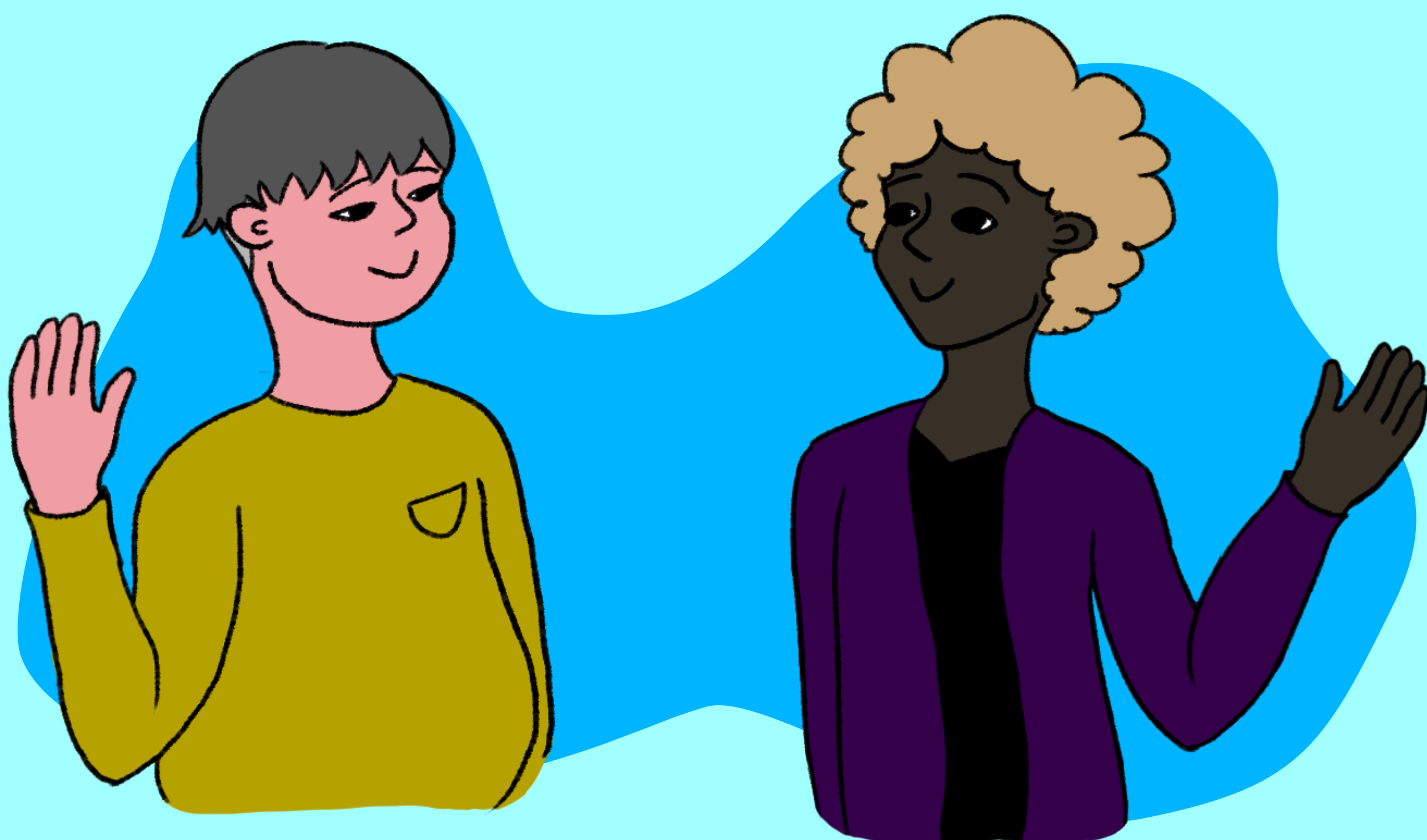


Ilustração colorida de dois adultos, lado a lado, sobre fundo azul. A pessoa da esquerda é um homem de pele clara, cabelos acinzentados e que usa blusa verde. A pessoa da direita é uma mulher negra com cabelos loiros. Ela usa casaco roxo sobre camiseta preta. Ambos estão com uma das mãos levantadas e se olham.

Primeiramente, nem toda pessoa surda usa aparelho auditivo. Há pessoas que optam pelo seu uso para melhorar a percepção dos sons (maximizar os resíduos auditivos), mas não é regra. As pessoas que fazem parte da comunidade surda*, por exemplo, de modo geral não seguem o caminho da reabilitação: uso dos resíduos, treino de fala, adaptação de aparelho. Inclusive, a comunidade surda não utiliza o termo deficiência auditiva, já que compreende que não existe um déficit, mas outra forma de comunicação. Ou seja, em vez de usarem a fala, as pessoas pertencentes à comunidade surda utilizam sinais. Importante ressaltar que há diferentes graus de perda auditiva – há pessoas que só não escutam sons mais

fraquinhos, e há outras que realmente não percebem mesmo os sons mais fortes. Mas, acima de tudo, o aparelho auditivo tem os seus limites, ou seja, ele não consegue aniquilar todas as barreiras, portanto, mesmo com seu uso há determinados sons e intensidades que podem não ser percebidos pela pessoa.

Ademais, o termo normal é muito utilizado pela medicina, mas esse conceito de **normal, desejado, sem desvios**, está sendo cada vez mais questionado uma vez que as pessoas são únicas e diversas.

*“Cultura surda” pode ser definida como o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e modificá-lo em função de suas percepções visuais. Ela abrange ideias, hábitos e costumes. A comunidade surda partilha desse jeito de ser. A língua de sinais define-se como uma língua natural dos surdos. Ela é o símbolo da identidade e um meio de interação social.

12) Tanta gente com deficiência na UFSC: pessoas com dislexia, com TDAH, com depressão...

Os diagnósticos mencionados não se enquadram como deficiência: TDAH e dislexia, e outras condições como discalculia, disgrafia, são compreendidos como transtornos funcionais específicos. Porém não são negados os impactos trazidos por eles. Inclusive, os dispositivos legais apontam que os transtornos funcionais receberão apoio.

A POLÍTICA NACIONAL DE EDUCAÇÃO ESPECIAL NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA (2008), por exemplo, aponta que:

(...) a educação especial passa a constituir a proposta pedagógica da escola, definindo como seu público-alvo os alunos com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Nestes casos e outros, que implicam em transtornos funcionais específicos, a educação especial atua de forma articulada com o ensino comum, orientando para o atendimento às necessidades educacionais especiais desses alunos (p. 15).



Ilustração colorida sobre fundo azul de duas mulheres, lado a lado. A moça que está à esquerda é mais baixa, está com os olhos fechados, e encosta a cabeça no ombro da mulher que está ao lado dela. A moça da esquerda é negra, tem cabelos verdes e usa vestido amarelo sem alças. A moça da direita é branca, usa óculos escuros, tem cabelos pretos e longos, usa blusa e saia verdes e casaco roxo.

Ou seja, ainda que não façam parte do público alvo (pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação), é garantido o suporte àqueles estudantes que apresentam transtornos funcionais (como é o caso do TDAH e da dislexia, por exemplo).

No caso da depressão, o diagnóstico em si não é enquadrado como deficiência. A legislação atual, Estatuto da Pessoa com deficiência (Lei 13.146/2015) traz a deficiência mental (que não é sinônimo de deficiência intelectual). Para Sasaki (2010), o impedimento de natureza mental – trazido pela Convenção e ratificado no Estatuto – diz respeito à deficiência psicossocial (ou deficiência psiquiátrica), e é imprescindível não confundir essa dimensão com a doença mental. A deficiência psicossocial diz respeito às sequelas de uma doença mental já estabilizada. Segundo o mesmo autor, a inserção do tema deficiência psicossocial é o que permitiu que os transtornos globais do desenvolvimento, que na época abarcavam condições como: Síndrome de Rett, Síndrome de Asperger, psicose e autismo, passassem a ser compreendidos como deficiência. Portanto, a depressão não se enquadra como deficiência psicossocial de antemão. É preciso analisar cada caso porque não é qualquer transtorno mental que será considerado deficiência. Precisa existir um prejuízo significativo na vida da pessoa e nas suas práticas diárias.

13) O negócio é ser prestativa: quando vejo um cego sozinho, pego o braço dele e o ajudo a chegar onde precisa. Vejo um cadeirante e vou empurrando logo a cadeira. Alguém precisa ser solidário nesse país.

Embora pareça uma boa ação, as atitudes descritas são muito equivocadas. Em relação à pessoa cega, não a puxe pelo braço para ajudá-la a se deslocar. Aproxime-se, se apresente, ofereça ajuda e não insista caso ela não aceite. A pessoa pode simplesmente não necessitar de auxílio naquele momento. Em relação ao cadeirante, a cadeira de rodas é uma extensão do corpo da pessoa, portanto, não empurre a cadeira sem o consentimento do sujeito. Também, não pendure coisas ou encoste-se à cadeira. Sempre se dirija à pessoa com deficiência para falar com ela – porque é muito comum que a comunicação seja estabelecida com o acompanhante sem deficiência – e, sobretudo, acolha aquilo que ela traz como informação.



Ilustração colorida sobre fundo azul de três pessoas lado a lado. Elas aparecem da altura do peito para cima. Da esquerda para a direita, estão: uma mulher negra com cabelos brancos e curtos. Ela usa blazer marrom sobre camiseta azul. Ao lado dessa mulher tem uma moça sentada em cadeira de rodas. Ela tem pele clara, cabelos pretos e lisos presos em rabo de cavalo e veste blusa branca. E no canto direito está um rapaz negro com cabelos curtos e castanhos, que veste blusa verde e usa óculos escuros. As duas mulheres da imagem estão com as bocas abertas.

14) Ah, como é bom ver um cão-guia pelo campus. Adoro cachorros e aproveito para interagir com ele.

O cão-guia está trabalhando, portanto deve-se evitar acariciar o animal ou chamar a atenção dele, pois isso atrapalha a concentração do cachorro. Não se esqueça: qualquer atitude sua em relação ao cão-guia deverá ter o consentimento do dono. O cão-guia pode frequentar todos os espaços, incluindo hospitais, praias, restaurantes, shoppings e diferentes meios de transportes. Apenas em locais onde há isolamento de pacientes, como UTIs, é que o acesso não é permitido.

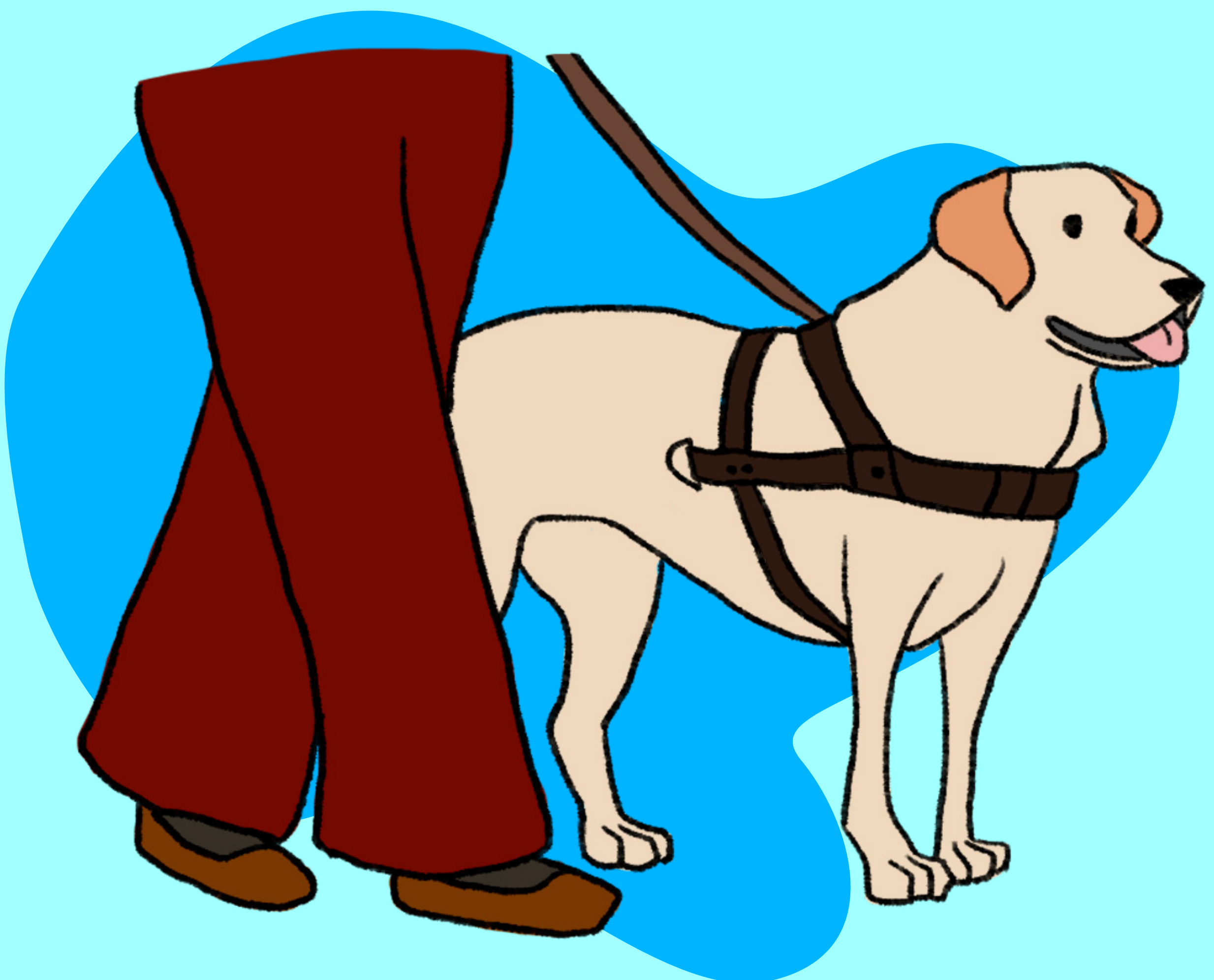


Ilustração colorida sobre fundo azul de um cão guia – cachorro de médio porte e pelagem clara – ao lado do dono, que aparece da cintura para baixo – usa calça vermelha e sapato marrom.

15) Quem para em vaga reservada para cadeirante só pode ser deficiente intelectual, é muita idiotice!

Esse tipo de discurso é muito problemático e recorrente. Parece, inicialmente, uma ação muito nobre, de indignação diante do uso indevido de um direito. Mas a deficiência intelectual está sendo usada como uma ofensa, como algo para desqualificar. É bastante contraditório porque se defende o grupo de cadeirantes e se utiliza outro grupo (o de pessoas com deficiência intelectual) – para atacar aqueles que não respeitam. O próprio termo “idiotice” ratifica essa memória tão negativa ligada à deficiência intelectual – aliás, os xingamentos utilizados de forma tão recorrente, como são: retardado, imbecil e idiota – eram termos médicos que se referiam aos diferentes níveis de deficiência intelectual.



Ilustração colorida sobre fundo azul de duas moças da altura da cintura para cima. A jovem da esquerda está de costas, tem cabelos longos e vermelhos, veste blusa roxa e tem linhas curvas diante do rosto. A moça da direita está de frente. Ela é loira, tem cabelos longos e usa blusa cinza. A jovem está com as duas mãos diante da boca e tem os olhos arregalados.

16) A pessoa com deficiência precisa se superar todos os dias e buscar sempre ser melhor.

É preciso romper com a visão de que a pessoa com deficiência é alguém que tem uma vida muito triste, que teve muita má sorte, ou mesmo alguém que é um vencedor, um exemplo de superação. As pessoas com deficiência são pessoas, com defeitos e qualidades, dificuldades e facilidades, ou seja, humanas. Também, não devemos compreender a deficiência como uma moléstia individual que precisa ser tratada e corrigida. As barreiras vivenciadas pela pessoa com deficiência estão no entorno. E não são apenas arquitetônicas: são também comunicacionais, informacionais e, sobretudo, atitudinais. Portanto, envolve a participação de todos.



Ilustração colorida sobre fundo azul. Um jovem com pele negra e cabelos lisos, aparece da cintura para cima. Ele usa blusa cinza, está com os olhos fechados e abraça um cacto.

17) A pessoa com deficiência nos faz lembrar que reclamamos demais da vida.

Usar a funcionalidade/condição de alguém para trazer conforto é algo muito inapropriado e ratifica esse lugar tão negativo que tem a deficiência. A deficiência é inerente à vida e ao envelhecimento, portanto, precisa se relacionar com sentidos mais comuns e romper com essa lógica da excepcionalidade.



Ilustração colorida sobre fundo azul do abraço entre duas pessoas. Elas aparecem de perfil – da cintura para cima. Uma moça de cabelos rosa, pele clara e camiseta azul está com os olhos fechados e repousa a cabeça no peito de um rapaz que está diante dela. Ele também está com os olhos cerrados, tem pele parda, cabelos escuros e usa camiseta laranja.

18) É melhor já nascer com a deficiência que adquirir uma.

Mais uma vez aparece aqui um discurso arrogante e muito praticado por pessoas sem deficiência. Não há melhor ou pior. Existe a experiência pessoal e os apoios e barreiras que cada um enfrenta.

19) Prefiro falar especial, ou pessoa com necessidades especiais. Pessoa com deficiência é muito ofensivo

Usar os termos: “especial” e “portadora de necessidades especiais” é visto, por alguns, como mais ameno, mas é uma forma de eufemismo – e colocam o termo deficiência como tão negativo que precisa ser suprimido (já que pode inclusive ofender).

Há obviamente diferenças individuais, e pessoas menos engajadas aos movimentos de luta por direitos, dentre as pessoas com deficiência. Por conseguinte, podem não utilizar o termo “pessoa com deficiência” ou podem querer ser chamadas de outra forma. O termo oficial e em vigência é pessoa com deficiência, mas ninguém melhor que a própria pessoa para dizer a forma como quer ser chamada.

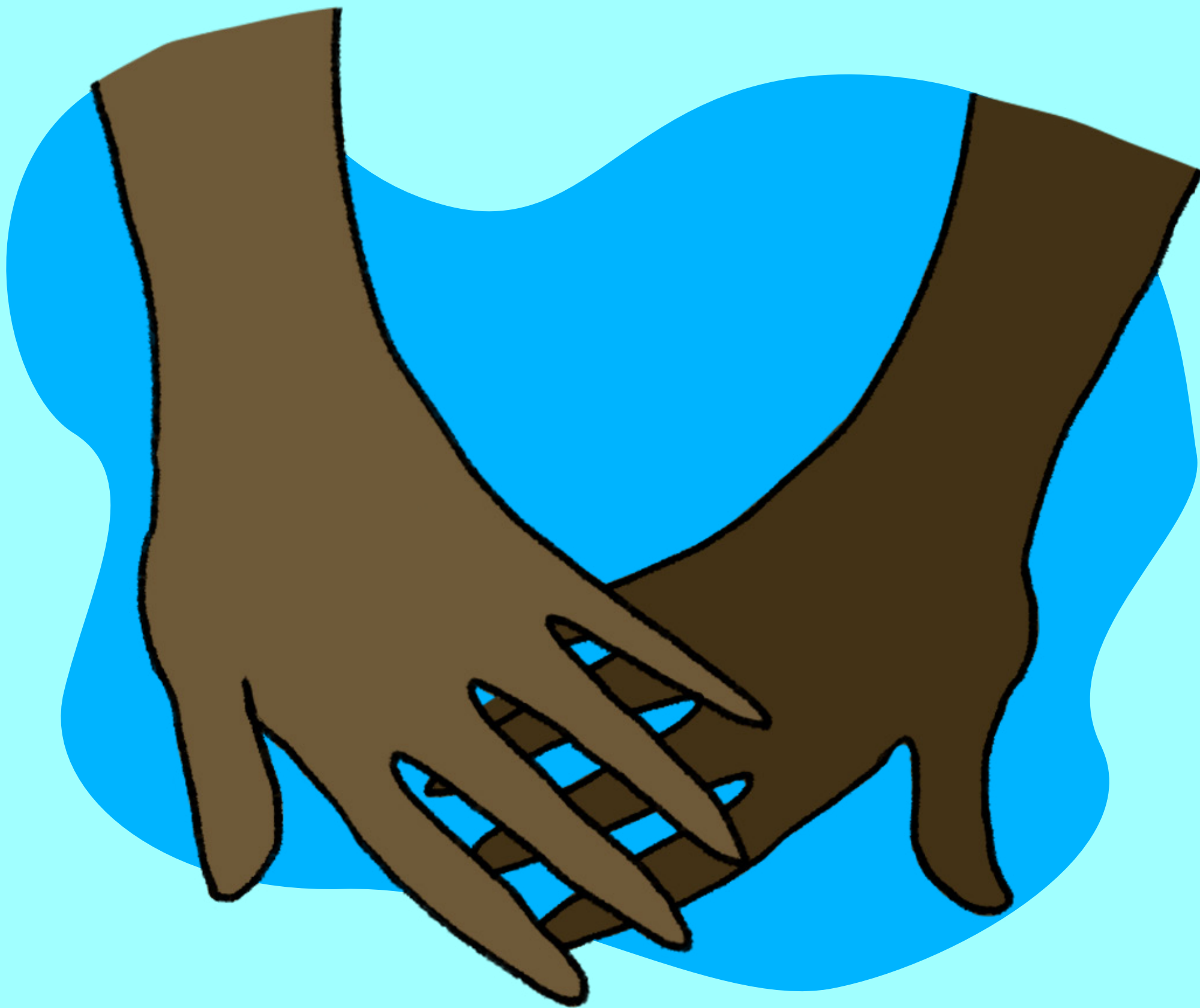


Ilustração colorida de duas mãos negras, parcialmente sobrepostas, sobre fundo azul.

O fato de os outros termos terem caído em desuso tem suas razões de ser:

- **especial:** todos somos especiais de algum modo ou para alguém, portanto, não é a melhor forma de se referir à pessoa com deficiência.
- **portador de deficiência ou de necessidades especiais:** o uso desse termo traz a ideia equivocada de que a deficiência é como uma mala, que a pessoa porta (carrega) e pode deixar de segurar. Na verdade, a pessoa vive com sua deficiência, ela não a porta. E, além disso, todos nós temos necessidades. Portar necessidades especiais não é a forma mais adequada para se referir a uma pessoa que tenha algum tipo de deficiência.

Ademais, não há qualquer problema em usar o termo cego, porém diminutivos como “ceguinho” não são adequados. Palavras como aleijado e paralisado também não são adequadas, opte por pessoa com deficiência física. De igual modo, dizer que uma pessoa sofre de cegueira ou está presa a uma cadeira de rodas

são extremamente inadequados e reforçam os sentidos negativos ligados à deficiência.

Também é importante atentar ao termo para se referir às pessoas que não têm deficiência. Provavelmente veio à sua mente a palavra “normal”. E sem dúvida ela é muito usada. Porém, o conceito de normalidade é muito relativo e remete ao seu contraponto “anormal”. Portanto, quem não tem deficiência é “pessoa sem deficiência”.

20) Quando sei que uma pessoa surda vai participar de uma reunião, chamo logo um intérprete.

Importante ressaltar que nem toda pessoa surda é sinalizada (usuária de língua de sinais). Antes de organizar quaisquer apoios, tenha informações sobre o sujeito. Nem sempre o intérprete será o melhor caminho. Fale de frente, devagar (não precisa ser em “câmera lenta” – mas atente para não falar rápido demais) e bem articulado. Use o tom de voz adequado ao ambiente (não é necessário gritar).

A fala bem articulada e sem atropelos é o principal ingrediente para que o surdo oralizado (que não utiliza Libras - Língua Brasileira de Sinais) compreenda o assunto. No caso de o surdo ser usuário de língua de sinais e contar com o intérprete,



Ilustração colorida sobre fundo azul de uma mulher parda, do pescoço para baixo. Aparece parte dos cabelos, que são loiros. A pessoa da imagem usa camiseta rosa clara e gesticula as mãos diante do peito.

direcione suas perguntas e comentários à pessoa surda (e mantenha-se olhando para ela). É com ela que você está conversando. O intérprete apenas media a comunicação. Portanto, se você tem um aluno que é usuário de Libras e está acompanhado por um intérprete, você deve perguntar de forma direta, por exemplo: - Você trouxe a resenha que te pedi? De igual maneira, o intérprete dirá em português: Esqueci, mas trago na segunda-feira (que é a resposta da pessoa surda). Na ausência do intérprete, e caso você não saiba a língua de sinais, utilize a escrita para estabelecer a comunicação (ainda que não seja o recurso ideal).

21) A pessoa com deficiência intelectual é uma eterna criança.

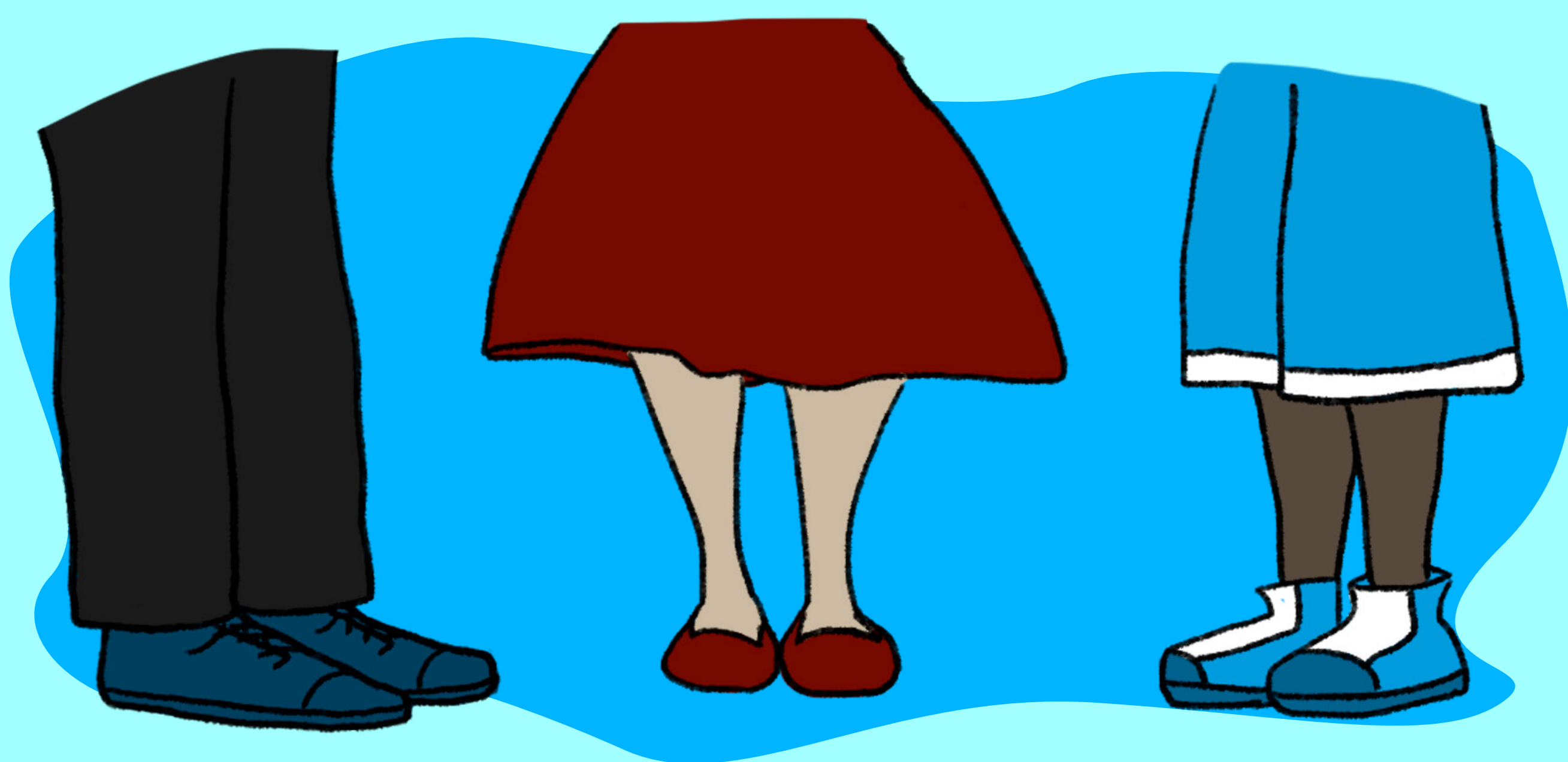


Ilustração colorida sobre fundo azul de três pessoas lado a lado. Elas aparecem da cintura para baixo. Do lado esquerdo é possível ver as calças marrons e os sapatos azuis de uma pessoa. Ao centro tem uma pessoa com saia e sapatos vermelhos. E do lado direito aparecem a bermuda e os tênis, brancos e azuis, da terceira pessoa.

A pessoa com deficiência intelectual pode ter impacto em diversas dimensões (raciocínio, atividades de vida diária), mas deve ser tratada de acordo com sua idade. Essa deficiência é muito associada também à Síndrome de Down. Mas é importante ressaltar que o déficit intelectual não está vinculado apenas a quem tem Síndrome de Down e nem todos que têm

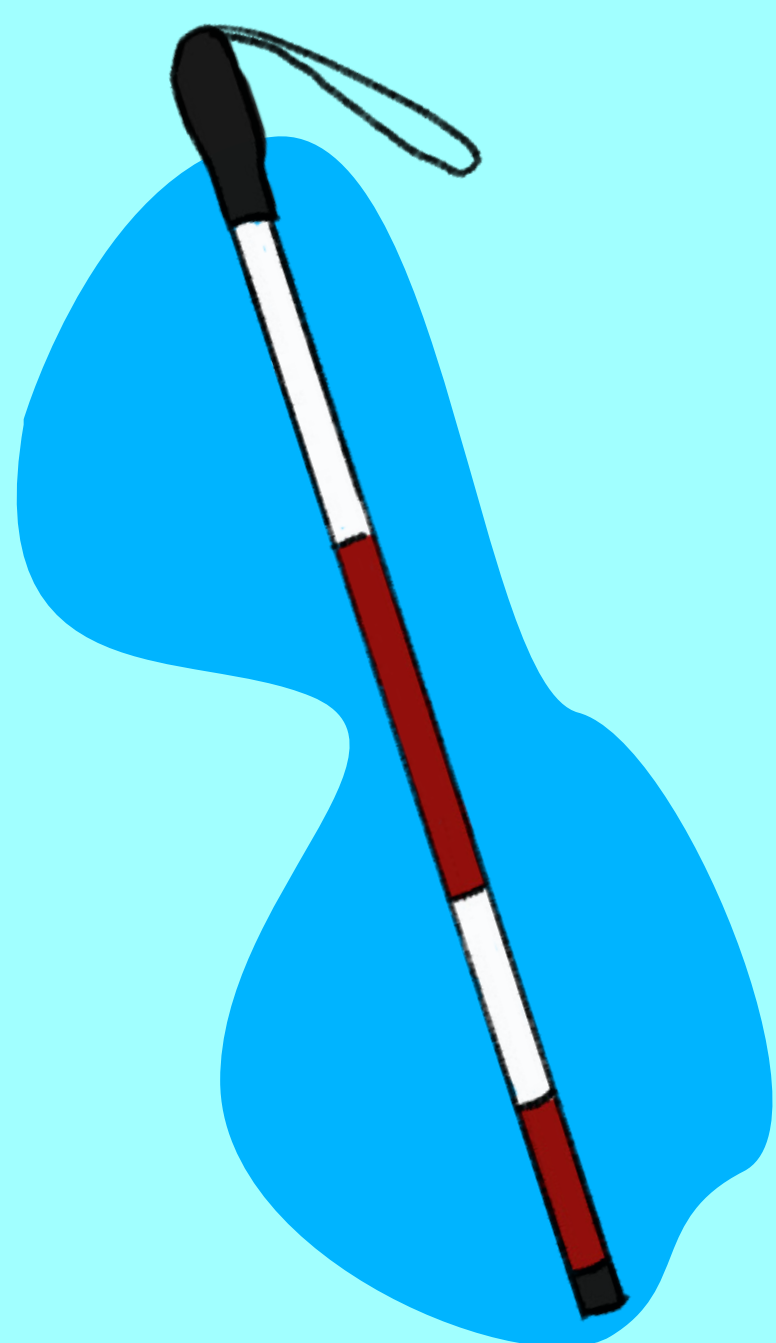
essa síndrome terão déficit intelectual. Isso porque o desenvolvimento está diretamente ligado ao contexto no qual a pessoa vive; portanto, não é só a parte biológica que conta. A pessoa com Síndrome de Down pode ter ou não deficiência intelectual. E o fato de alguém ter deficiência intelectual não é sinônimo de ser criança, tampouco devemos trata-la de forma infantilizada.

22) Meu vizinho usa uma cadeira de rodas elétrica.



Cadeira elétrica está mais relacionada a execuções. A cadeira que não depende de força manual para seu deslocamento é cadeira motorizada.

23) Meu amigo é cego e usa um cajado.



O termo correto é bengala.

Ilustrações coloridas sobre fundo azul: na imagem superior tem uma cadeira de rodas e na imagem inferior está uma bengala nas cores branca e vermelha – esse padrão específico é utilizado por pessoas com surdocegueira.

24) Não entendo, tenho uma conhecida que diz que é cega, mas ela usa óculos.

A pessoa pode utilizar óculos para maximizar algum resíduo visual que ela tenha – porque o conceito de cegueira também abrange quem tem resíduos de 5% – ou mesmo para minimizar a fotofobia. Ademais, ao contrário do que o senso comum acredita, a pessoa cega não vive no escuro – ela pode ter percepção luminosa e perceber vultos.

25) Toda pessoa com autismo é genial.

Nem toda pessoa com autismo será um gênio ou alguém com habilidades extraordinárias. Existe o mito de que as pessoas com autismo têm memória fantástica, capacidade de fazer cálculos complexos ou mesmo alguma habilidade incrível. Mas isso não é regra; inclusive, algumas pessoas com autismo podem ter déficit intelectual.



Ilustração colorida sobre fundo azul. Uma moça com cabelos vermelhos, pele clara e blusa amarela aparece do peito para cima. A jovem sorri e pisca o olho direito.

26) A linguagem de sinais, usada por todos os surdos, tem gestos muito interessantes.

Trata-se de uma língua, portanto, é língua de sinais – com estrutura sintática, semântica, lexical, além de cultural. Tanto que não existe uma língua de sinais universal, porque assim como as línguas orais, a língua de sinais é atravessada pela cultura e elas são diferentes nos diversos países – há até diferenças de sinais entre os estados brasileiros. E não são gestos espontâneos – são sinais que envolvem configurações e estrutura.



Ilustração colorida sobre fundo azul que simboliza a Língua Brasileira de Sinais. Na imagem, são duas mãos na cor amarela. Uma delas está aberta e com a palma voltada para frente. A outra mão também está aberta, mas com as costas da mão voltadas para frente e os dedos para baixo, cobrindo parcialmente a mão espalmada. Duas linhas curvas e paralelas estão ao lado de cada uma das laterais da imagem.

27) As pessoas cegas e as pessoas surdas têm uma deficiência física.

Embora tais deficiências sejam provenientes de alguma questão que está no corpo, elas se enquadram, juntamente com a surdocegueira, na categoria de deficiência sensorial – já que se relacionam aos sentidos.

28) Os surdos usam Libras porque não falam.

Com certeza você já ouviu o termo “surdo-mudo” – e talvez até já o tenha utilizado. Porém, a pessoa não é muda. A pessoa não fala porque não escuta os sons para depois articulá-los, ou porque não é o seu meio de comunicação (não participou de práticas terapêuticas para uso de seu resíduo auditivo, desenvolvimento de leitura orofacial e produção de fonemas). Mas a despeito de usar Libras ou outro meio para se comunicar, as pessoas surdas têm condições de produzir sons, rir e podem falar.

29) Os cegos têm o tato mais desenvolvido.

Existe um mito de que a pessoa cega terá uma audição e/ou tato mais apurados que uma pessoa sem deficiência. Isso pode ocorrer, mas não é regra.

30) Deficiência Mental e Deficiência Intelectual são sinônimas.

Talvez você já deva ter ouvido “deficiência mental” para se referir ao impacto na cognição. Essa nomenclatura já foi usada, mas ela foi substituída por “deficiência intelectual” a partir da década de 1990 – justamente para diferenciar as questões relativas à saúde mental daquelas referentes à cognição.

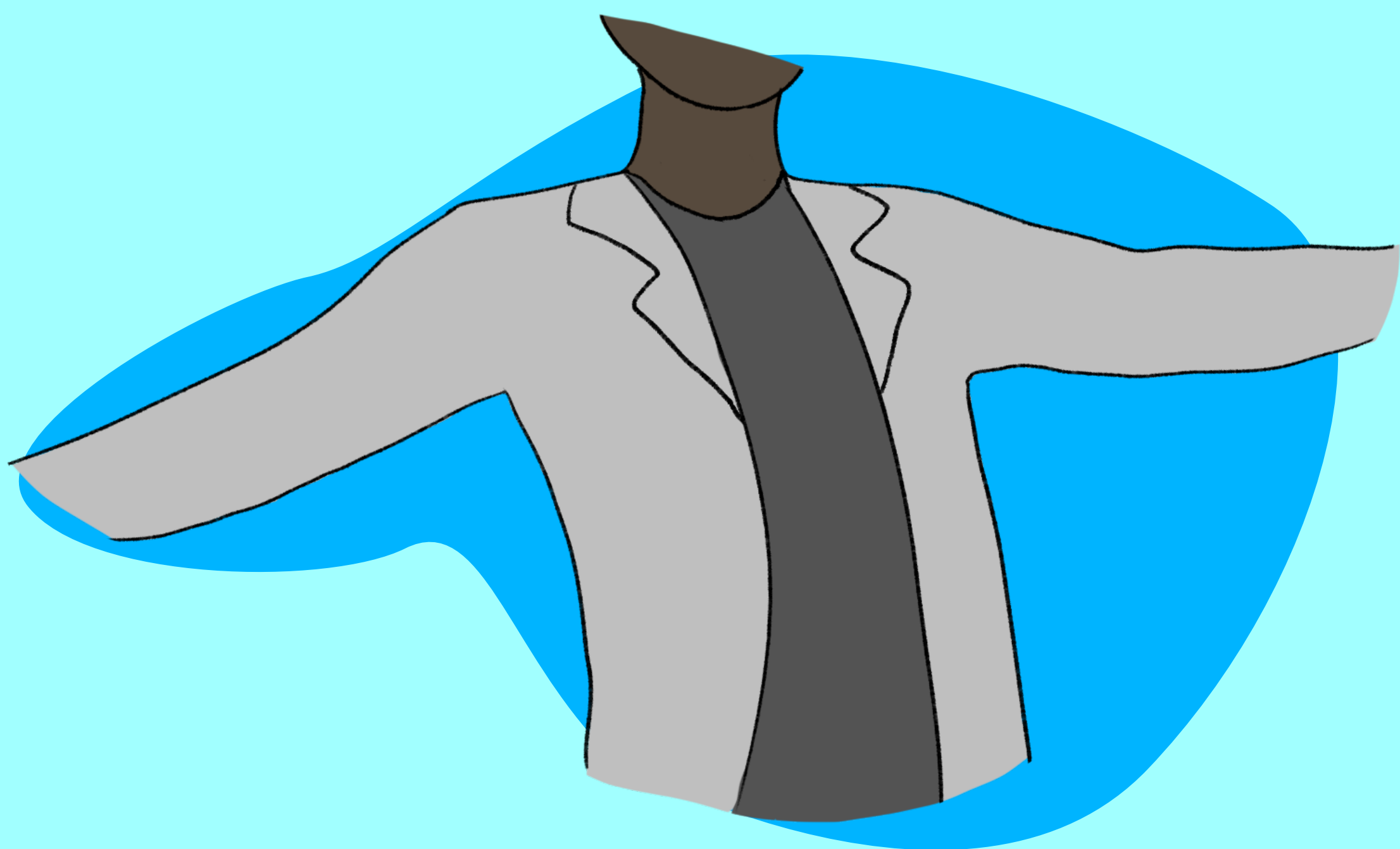


Ilustração colorida sobre fundo azul que retrata o peito de uma pessoa de braços abertos. Apenas a parte inferior do rosto da pessoa, que tem pele negra, está visível. A pessoa usa blazer cinza claro sobre camiseta em tom cinza escuro.

31) Quem tem Síndrome de Down possui o cromossomo do amor.

Mais um mito! As pessoas com deficiência não se resumem aos seus diagnósticos. É por esse motivo que os cegos não são todos iguais, assim como pessoas com TEA também não. O mesmo vale para a Síndrome de Down: não necessariamente serão todos amorosos e doces. Aliás, o discurso de que as pessoas com deficiência são anjos, especiais – ou que ter um filho com deficiência é uma grande missão – parecem uma forma de amenizar ou transmutar algo que não precisa disso. A deficiência não precisa ser amenizada, nem vista como um fardo, ou mesmo como a oportunidade de aprender algo. A deficiência é uma categoria que faz parte da humanidade.

32) Pessoas com deficiência não têm qualquer diferença em relação às demais pessoas.

Pessoas com deficiência são pessoas integrais. Não estão em hierarquia inferior, não devem ser vistas como coitadas, tampouco como exemplos de superação. Mas, não podemos negar a materialidade da condição que vivenciam, então, carecem de apoio, de adaptações – de um mundo mais preparado para acolher. Porque se negarmos que há especificidades, caímos na cilada de esperar que a pessoa com deficiência “se vire” e não instituimos as medidas de equidade.

Créditos:

Texto e descrição:

Vivian Ferreira Dias - Fonoaudióloga da CAE

Ilustrações e diagramação:

Luan Mendes dos Santos